

# O ANTONIO (VICENTE MENDES DE MACIEL) DE CONSELHEIRO

## **o deslocamento de um nome, nascimento e desconstrução<sup>1</sup>**

Karla Patricia Holanda Martins  
UNIFOR

### **RESUMO**

Pensando lado a lado construção identitária e construção narrativa, o presente trabalho pretende refletir acerca de algumas das narrativas construídas em torno das representações do sertão. Tomaremos como ponto de partida algumas das obras dos escritores José de Alencar, Euclides da Cunha e Graciliano Ramos e seus respectivos mitos identitários. Privilegiamos a figura emblemática de Antonio Conselheiro e seu deslocamento do sertão central do Ceará, tomando-o como uma metáfora da estratégia de sobrevivência psíquica acionada pelo sujeito diante de uma situação que impõe a deserção.

### **PALAVRAS-CHAVE**

sertão, deslocamento, desconstrução, perdão, narrativa

**Q**uero falar hoje do Antonio (Vicente Maciel) de Conselheiro, re-situar o homem: pensar o ponto de partida. Gostaria de falar do peregrino, tomando como inspiração o verso de João Cabral de Melo Neto: “Na paisagem do rio o difícil é saber onde começa o rio; onde a lama começa do rio; onde a terra começa da lama; onde o homem, onde a pele, começa da lama; onde começa o homem naquele homem”. Ao contrário do cão sem plumas, Conselheiro jamais deixou romper o fio de homem naquele homem, continuou capaz de manter a vida mastigada e não apenas dissolvida; o que vive não entorpece, o que vive fere. O homem, porque vive, choca com o que vive. Viver é ir entre o que vive. Antes, porém, com o propósito de pensar simultaneamente continuidade, desconstrução e ruptura, falarei do espaço sertão, terra de onde partiu.

Os sentidos da palavra *sertão* convidam a uma reflexão sobre a delimitação do espaço e suas fronteiras: lugar da conquista, da guerra, da diversidade e de um vazio pleno de excessos; do entrelaçamento sem horizontes, do deslocamento. Se o sertão imaginado pelos

---

<sup>1</sup> Texto apresentado no I Colóquio LIPSI: Literatura e Psicanálise: o E da questão, ocorrido durante a VI Bienal do Livro do Ceará.

primeiros viajantes europeus guardava tesouros, o seu desbravamento e a sua ocupação continham os perigos de uma morte anunciada. Desse modo, a invenção do sertão foi, desde a sua fundação, composta pela presença de um conjunto de ambivalentes expectativas. Sobre os textos que deram visibilidade ao imaginário do “fundador”, Sérgio Buarque de Holanda<sup>2</sup> observou que, diante da maravilhosa visão desses primeiros viajantes, produziu-se uma narrativa de encantamento só capaz de se manifestar por intermédio da convenção literária, sem deixar margem para a notação realística.

A partir da segunda metade do século XIX, também por intermédio da Literatura, o sertão é tomado como o espaço onde se projetam as imagens formadoras dos mitos de construção de uma identidade nacional. Nesse cenário, personagens são idealizados como ícones de uma nacionalidade brasileira, a exemplo de algumas das obras dos escritores José de Alencar e Euclides da Cunha.

O mito identitário contido no projeto de José de Alencar se distingue de uma proposta de reedição do paraíso perdido, presente, por exemplo, nas narrativas sebastianistas e dos primeiros viajantes europeus, que também tomaram o sertão como cenário. Contrário ao suposto cânone romântico, onde a evasão corresponde ao noturno, o deslocamento de Alencar para o exótico inscreve um mito solar, encenando os signos de um corpo vigoroso e belo, inclinado ao prazer (no caso de sua obra *Iracema*, por exemplo) e/ou ao trabalho (no livro *O Sertanejo*). Seu romantismo abastece de imagens a idéia de nação, ao mesmo tempo em que propõe, através da figura de um corpo-vivo, uma visão da carne e dos sentidos. Nas vestes do sertanejo, o mito de Alencar forja a coragem como traço distintivo do homem do sertão, reinventado na relação com a natureza.

Considerando os deslocamentos ocorridos na representação do sertão, seja através da descrição da sua paisagem, seja pela proposição de um novo ‘tipo’ brasileiro (mestiço) na idealização de um projeto nacional, bandeira do projeto parnasianista de Olavo Bilac, a idealização do homem sertanejo retorna na obra de Euclides da Cunha com outras vestes. Ele propõe, no seu *Diário de uma expedição*:

Depois de nossa vitória, inevitável e próxima, resta-nos o dever de incorporar à civilização estes rudes patrícios que – digamos com segurança – constituem o cerne da nossa nacionalidade (...) Sejamos justos – há alguma coisa de grande e solene nessa coragem estóica e incoercível, no heroísmo soberano e forte dos nossos rudes patrícios transviados e cada vez mais acredo que a mais bela vitória, a conquista real consistirá no incorporá-los, amanhã, em breve, definitivamente, à nossa experiência política (CUNHA, 2000, p. 140).

A compleição do sertanejo e alguns de seus atributos oferecem elementos a favor da tese da construção da nacionalidade. Na assertiva “o sertanejo é antes de tudo um forte”, o corpo é instrumento de luta e coragem, a sensualidade (traço presente em José de Alencar) se reveste no emblema da fé.

O espaço sertão é deslocado do epicurismo presente nas descrições dos primeiros viajantes europeus e, de certa forma, no discurso alencarino, para uma espécie de espaço agonizante, no qual habitam homens estóicos. Encontraremos a descrição de uma natureza

<sup>2</sup> Cf. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e na colonização do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969. p. 15.

outonal e a proposição do sertanejo como um “forte”, produzindo uma narrativa alternadamente de tristeza e de exaltação: um homem titânico frente à terra ignota.

No exotismo encantado dos primeiros viajantes, o tema da natureza também estava presente. Todavia, a admiração de Euclides da Cunha pela natureza não é pacífica. A afirmação de uma natureza vazia e, ao mesmo tempo, plena de excessos, propõe o sertão enquanto espaço-cenário de oposições e conflitos. Mesmo que a terra não se incompatibilize com a vida, é assim descrita:

Não atraem. Panteiam sempre o mesmo cenário de uma monotonia acabrunhada, com a variante única da cor: um oceano imóvel, sem vagas e sem praias. Barbaramente estéreis; maravilhosamente exuberante... Na plenitude das secas são positivamente o deserto. Mas quando estas não se prolongam ao ponto de originarem penosíssimos êxodos, o homem luta como as árvores, com as reservas armazenadas nos dias de abastança e, neste combate feroz, anônimo, terrivelmente obscuro, afogado na solidão das chapadas, a natureza não o abandona de todo. A natureza compraz-se num jogo de antíteses. (CUNHA, 1989, p. 47-48)

O sertão é, ao mesmo tempo, inferno dantesco e paraíso. O retrato da caatinga monumental – seca, morta ou bela – se contrapõe aos movimentos da fauna sertaneja. O vivo, o que se movimenta vertiginosamente nesta obra, é a força do animal e do homem, através de seus deslocamentos. É também pela linguagem que o retrato de uma natureza morta ganha movimento.

Euclides cataloga as mais diferentes espécies da caatinga e, como já foi observado tantas vezes, deste modo produz um texto que, ao descrever o cenário, legenda e, ao mesmo tempo, antecipa a escrita sobre “O homem”. O ‘eu’, eclipsado na descrição sem pudores, se expressa na ornamentação literária: “os juazeiros tem caráter, possuem um traço superior à passividade da evolução vegetativa, superior ao depauperamento geral da vida”, diz Euclides. E continua: “enquanto por toda a banda a flora se deprime, os mandacarus aprumam-se tesos, triunfalmente, mas no fim de algum tempo, porém, são de uma obsessão acabrunhadora... gravam em tudo uma monotonia inaturável”. (CUNHA, 1989, p. 41-2)

Descrevendo o umbuzeiro conclui:

Dominam a flora sertaneja nos tempos felizes, como cereus melancólicos nos paroxismos estivais. (...) São a nota mais feliz do cenário deslumbrante. (...) E o sertão é um paraíso... (Ibid., p. 44-45).

Pensando lado a lado construção identitária e construção narrativa, posto que ambas portam a imaginarização dos lugares do outro e suas representações, passaremos agora a um segundo momento deste trabalho, onde aproximaremos os traços que caracterizam as propostas identitárias acima e as estratégias de organização e sobrevivência psíquica. A literatura que toma o sertão como cenário ilustra duas destas estratégias: uma, que se faz em torno da possibilidade de antecipação – lugar da interpretação metafórica e do mito – e, outra, em que a metáfora cede lugar à descrição. À primeira estratégia, denominamos de uma resposta ao incógnito, uma alusão à expressão cunhada pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda ainda em sua *Visão do Paraíso*. Essa resposta se caracteriza pela construção do mito enquanto solução imaginária de pacificação de tensões que não puderam ser equacionadas. Nesta tradição, incluímos a resposta exótica produzida nos textos dos

primeiros viajantes europeus, a figura do sebastianismo e o resgate da proposta de um mito fundador, ilustrado em alguns dos textos de José de Alencar.

Nas respostas ao ignoto, a construção da tese da nacionalidade estará ancorada diferentemente em outros dois pontos, quais sejam: a metamorfose do corpo-vivo em emblema (representada pelas propostas parnasiana e de Euclides da Cunha) e a denúncia da impostura identitária (representada nas narrativas de Graciliano Ramos). Onde podemos situar Antonio Conselheiro? De certo modo, Antonio está mais próximo de Graciliano em *Vidas Secas* do que do homem d'Os *Sertões*. Se a figura de Conselheiro reedita, por exemplo, o mito do sebastianismo, a figura de Antonio Maciel representa o deslocamento do homem da impotência à desconstrução e transformação dos sentidos. O homem que permanece engessado pelo mito traduz a potência da fuga e do devir, desertar é, sobretudo, recomeçar infinitamente.

Na resposta ao ignoto, não prevalece uma identificação com o mito, mas, sim, com a lucidez ela mesma, enquanto emblema da denúncia da impostura identitária. Uma tal resposta produz um texto que, por vezes, se aproxima das narrativas de guerra. O corpo na guerra é titânico, resistente. A austeridade, ao declinar da sensualidade, segue apagando o corpo erógeno.<sup>3</sup>

Os sentidos da palavra desertar – “abandonar, deixar, renunciar, retirar-se, ausentar-se” (FERREIRA, 1999, p. 650) –, palavra cuja etimologia é a mesma de deserto, colocam, em primeiro plano, a imagem do abandono instituída na ausência de investimento narcísico dos pais. Frente à impossibilidade do engano, a criança formula uma estratégia de ação que corresponde, ora à delimitação de suas fronteiras, ora ao estabelecimento da dor enquanto marca identitária. O que Antonio teria feito com a sua tristeza? Da orfandade aos 4 anos, seguida da acusação de assassinato da madrinha e do relacionamento com Joana Imaginária, passando à bandeira do divino, Antonio desloca-se para nascer de novo, promovendo a volatilização e migração dos sentidos de uma suposta impotência. Na deserção, a dor passa de adereço a emblema, produzindo, por exemplo, um certo encorajamento da imagem corporal. Um tal encorajamento possui correspondente na rígida métrica a que a linguagem deve se submeter, bem como a rígida moralidade é um dos recursos para assegurar a permanência do saber totalitário.

O efeito da crença reconduz o valor da visão a um plano privilegiado em relação aos outros sentidos, estratégia que configura um esforço em identificar o visível empírico com o visível conceitual, o visível com o verdadeiro,<sup>4</sup> a lucidez configurando uma lógica que não deixa margem à ambigüidade. A força de sua insistência nasce do excesso de lucidez; uma lucidez relativa à incidência dos múltiplos sentidos da precariedade sobre todo ser vivo.

Em nome do rei, Conselheiro insiste na sua obstinada tarefa de desconstruir o mito-república, denunciando o embuste de um Outro impostor. Prevalece aqui uma identificação não com o mito, mas, sim, com a lucidez ela mesma. Assistimos à desconstrução de uma narrativa mítica ou épica, onde a descrição tem por propósito a denuncia e, não, a idealização. Novamente Conselheiro está mais próximo de Graciliano onde a vida é seca e

<sup>3</sup> Algumas destas idéias foram desenvolvidas juntamente com a psicanalista Maria Teresa da S. Pinheiro (a quem agradeço a interlocução e co-autoria) e apresentadas no artigo PINHEIRO; MARTINS. O texto imagético: parnasianismo e a experiência analítica, p. 57-72.

<sup>4</sup> SCHØLLAHAMMER. Regimes representativos da modernidade, p. 28-41.

sem ornamentos e “A pátria é um orangotango. (...) Imitações, adaptações, reproduções, macaqueações”.<sup>5</sup> (RAMOS, 1980, p. 60 e ALVES, 2000).

Se anteriormente tínhamos a tese da nacionalidade centrada na romantização da mistura das raças brasileiras, na figura de um sertanejo forte e nas hostes parnasianas dos símbolos nacionais, no realismo crítico de Graciliano a pátria é um macaco e “a nação é um cinematógrafo, na essência, exibição de figuras. Coisas de ver, de mostrar, exposição de objetos bonitos (...) estopa pintada de preto a fingir casimira” (RAMOS apud ALVES, op. cit., p. 51). O que veremos, a seguir, é uma narrativa de denúncia, com vistas a revelar a impostura do elogio, do enfeite, todos sinônimos da ‘grande mentira’, ora identificada à retórica vazia dos intelectuais, ora a um projeto de Brasil dito moderno, onde as diferenças e conflitos estariam suavizados e representados, por exemplo, no cadinho das três raças.

Ao contrário do que ocorre na literatura que tomou o sertão nordestino como tema na segunda metade do século XIX, Graciliano irá focar um sertão sem rios, sem os adereços de uma natureza que, quando não era exuberante, exibia um homem corajoso, titânico. Longe do epicurismo dos viajantes ou de um certo estoicismo euclidiano e, por vezes, alencarino, o escritor alagoano forjará uma visão da precariedade tanto do homem quanto da natureza. Nesta direção, a obra de Graciliano vai fazer parte de uma vertente da literatura brasileira que problematiza a questão da identidade nacional (BERND apud ALVES, op. cit., p. 49 e LUCIA HELENA, 2001), ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, ajuda a fixar na imagem do sertão nordestino o traço da precariedade. O realismo desencantado e corrosivo de Graciliano privilegiará o brutal, seja o da natureza, seja o dos homens numa negatividade que irá redesenhar tanto a idéia de nação como a do homem nordestino. Pensemos o sertão e o ideário de pátria e nação enquanto alegorias de alteridades.

Como já foi dito, o cenário é, de certa forma, o de uma guerra. Freud já havia descrito que o clima de acusação era disfarçado, no caso da melancolia, por uma ‘declaração de derrota’.<sup>6</sup> As ‘estratégias de suavização’, impossibilitadas de serem acionadas, são substituídas por ‘estratégias de exposição’, onde se pretende fazer verdade com a linguagem, sem suspiros poéticos e saudades.<sup>7</sup>

Fabiano, tal como fizera Antonio Maciel, está se deslocando, do começo ao fim. Todavia, em *Vidas secas*, o “cão sem penas” não tem horizonte, não tem fundo. Em um deslocamento como este, que função a linguagem poderia ter? No sertão de Graciliano, a linguagem, do lado dos poderosos, produz esvaziamento do sujeito. De nada vale quando Fabiano precisa dela para se defender (do soldado amarelo, do seu Tomás da bolandeira, dos donos das fazendas e da bodega). Mas, na perspectiva da “terra prometida”, a linguagem é o fundo, é a última parada. Talvez não seja exagero afirmar que a linguagem passa a ocupar o lugar onde a catástrofe se cumpre, o lugar do destino. Deste modo, até a morte, Antonio Vicente não abre mão de suas prédicas de levar a palavra.

<sup>5</sup> A frase principal é também o título de um precioso artigo do historiador sergipano Francisco José Alves, publicado na *Revista Síntese*. O trabalho em questão faz um inventário minucioso da representação do Brasil nas crônicas de Graciliano. No que tange a esta temática, nosso trabalho o tomou por guia.

<sup>6</sup> Cf. FREUD, S. “Luto e melancolia” (1915[1917]) e “Rascunhos”.

<sup>7</sup> PINHEIRO; JORDÃO; MARTINS. *A certeza de si e o ato de perdoar*, p. 70.

A figura do peregrino representa uma possibilidade de rompimento com a posição do enganado. Bataille afirma que “os homens não nascem para morrer, mas para começar”.<sup>8</sup> Aquele que se retira desobriga a si e ao outro de permanecer preso a uma mesma posição. Levado à situação-limite, ao pronunciar o enunciado “eu não sou nada”,<sup>9</sup> o retirante constrói o seu vir a ser.

Hannah Arendt aponta a faculdade de perdoar<sup>10</sup> como a única solução possível para o problema da irreversibilidade, por ela definida como a impossibilidade de se desfazer o que fora feito, embora não se soubesse nem se pudesse saber o que se fazia. Partindo deste ponto, a autora articula o perdão à promessa como faculdades dependentes da pluralidade e que solucionariam o problema da imprevisibilidade e da caótica incerteza do futuro. “Na solidão e no isolamento, o perdão e a promessa não chegam a ter realidade, são, no máximo, um papel que a pessoa encena para si mesma”.<sup>11</sup>

A autora retoma a figura de Jesus de Nazaré quando este sustenta que não é somente Deus que tem o poder de perdoar: “se cada um de vós, no íntimo do coração, perdoar, Deus fará o mesmo. O motivo da insistência recai sobre ‘eles não sabem o que fazem’. E se ele transgredir contra ti ... e... procurar-te, dizendo: *mudei de idéia*, deves desobrigá-lo”.<sup>12</sup> Desse modo, conclui que o perdão é o exato oposto da vingança, que atua como reação a uma ofensa original e que, longe de pôr um fim a essa ofensa e às consequências de uma primeira transgressão, os participantes permanecem enredados no processo, permitindo que a reação em cadeia contida em cada ação prossiga livremente. A vingança é o esperado, enquanto o ato de perdoar jamais pode ser previsto.

O perdão é a única reação que não re-age apenas, mas age de novo, inesperadamente, sem ser condicionada pelo ato que a provocou e de cujas consequências liberta tanto o que perdoa quanto o que é perdoado. O perdão põe fim do mesmo modo que faz a punição. É, portanto, significativo que os homens não possam perdoar aquilo que não podem punir. Antonio Vicente sai de Quixeramobim rompendo o círculo da vingança.

A mobilidade que se instaura com a retirada declina da busca de restaurar um objeto inexistente e apostar numa possível solução para o problema. Sair do sertão de Quixeramobim foi, para Antonio Vicente, romper com o isolamento. Mas, por esses caminhos, os homens podem perder plumas e penas.<sup>13</sup> Por outro lado, quando caminha, o homem desloca-se,

---

<sup>8</sup> BATAILLE. *Teoria da religião*, p. 43.

<sup>9</sup> BIRMAN. *Por uma estilística da existência*, p. 89.

<sup>10</sup> A questão do perdão, nesta perspectiva, foi discutida e apresentada pela primeira vez no artigo “A certeza de si e o ato de perdoar”, escrito em co-autoria com JORDÃO, Alexandre A.; PINHEIRO, Maria T. da S. No presente artigo, os autores articulam o perdão à questão da certeza de si trazidos por Sandor Ferenczi, em seu *Diário clínico*.

<sup>11</sup> ARENDT. *A condição humana*, p. 249.

<sup>12</sup> ARENDT. *A condição humana*, p. 251.

<sup>13</sup> Estamos nos referindo a um trecho do poema “O cão sem plumas – Parte II – Paisagem do Capibaribe” (1949-1950), mais particularmente à seguinte estrofe: “Na paisagem do rio o difícil é saber onde começa o rio; onde a lama começa o rio; onde a terra começa da lama; onde o homem, onde a pele começa da lama; onde começa o homem naquele homem”. O “Cão sem penas”, de Graciliano Ramos, é um capítulo do livro *Vidas Secas*. MELO NETO, 1999, p.110 e RAMOS, 1983.

como já dizia Jurandir F. Costa quanto ao sentimento do desamparo, do “medo da perda da vida” para o “medo da perda do sentido da vida”.<sup>14</sup>

O Antonio de Conselheiro inclui o sentido da precariedade nas feições de um projeto utópico redentor. A linguagem faz-se parceira da peregrinação, de maneira que o traço migrante configura, através de suas prédicas, corpo e alma. Como afirma Lucia Helena no artigo “O coração grosso: migração das almas e dos sentidos”, a propósito dos personagens nordestinos Fabiano e Macabéia (esta, personagem principal de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector), à migração dos homens corresponde à migração dos sentidos. (Ibid., p.68-69)

Se em relação à pátria tivemos a denúncia de uma impostura, temos com Antonio Vicente Maciel a abertura para um novo posicionamento do sujeito em que o movimento vai superando, lentamente, o sentido da impotência. A rachadura, a luz cortante, impõe a produção de novas crenças e de outros enunciados. Se o lamento é um enunciado do júbilo produzido pela dor, a dor que petrifica, a palavra daquele que se retira, mesmo que contenha o brasão de uma morte anunciada, promove o seu deslocamento da posição de imobilidade solapante.

Deste modo, a contribuição freudiana acerca do tema da melancolia se inscreve numa perspectiva que rompe com a superposição entre a melancolia e o afeto-tristeza. Seu equivalente psicológico não é o luto. Sua força não deriva necessariamente de uma perda real nem da desilusão, nos moldes da desmontagem da conformação fantasmática do desejo. A força de sua insistência nasce do excesso de lucidez; uma lucidez relativa à incidência dos múltiplos sentidos da precariedade sobre todo ser vivo.



## ABSTRACT

The present work aims to approach identity construction with narrative construction by working with some of the narratives built around representations of *sertão* (outback). We will be working with some of the texts by José de Alencar, Euclides da Cunha and Graciliano Ramos and their respective identity myths. We will privilege the emblematic figure of Antonio Conselheiro and his displacement from the outback of Ceará as a metaphor of the psychic survival strategy chosen by the subject facing a situation that imposes desertion.

## KEY-WORDS

*sertão*, displacement, deconstruction, narrative

---

<sup>14</sup> COSTA. O mito psicanalítico do desamparo, p. 44.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, José de. *O Sertanejo*. São Paulo: Editora Rideel, 1997.
- ALVES, Francisco José. A pátria é um orangotango. *Revista Síntese*. Brasília: Ed. Senado Federal, Ano 5, p. 46-55, 2000.
- ARENKT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. p. 248-259.
- BATAILLE, George. *Teoria da religião*. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- BIRMAN, Joel. *Por uma estilística da existência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996, p.89.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, s/d.
- CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- COSTA, Jurandir F. O mito psicanalítico do desamparo. *Revista Ágora. Estudos em Teoria Psicanalítica*. Rio de Janeiro: Editora Contra Capa, v. III, n. 1, p.25-46, jan/jun. 2000.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Campanha de Canudos (1901). São Paulo: Ed. Círculo do Livro, 1989.
- CUNHA, Euclides da. *Diário de uma expedição* (1897). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- FREUD, S. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrotu Editores, 1996. v. 1 e 14.
- FREUD, S. Luto e melancolia. Apresentação, tradução do original alemão, notas de tradução e discussão de Marilene Carone. *Revista Novos Estudos - CEBRAP*, n. 32, mar. p.128-142, 1992.
- LAMBOTTE, Marie-Claude. *O discurso melancólico: da fenomenologia à psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.
- LUCIA HELENA. Coração grosso: migração das almas e dos sentidos. *ALCEU: Revista de Comunicação, Cultura e Política*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, Departamento de Comunicação Social, v.1, n.2, p. 63-76, jan./jun. 2001.
- MARTINS, K.P.H.; PINHEIRO, M. T. da S. O texto imagético: parnasianismo e a experiência psicanalítica. In: LO BIANCO, A. C. (Org.) *Formações teóricas da clínica*. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2001. p. 57-72.
- MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: uma breve história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1979.
- PINHEIRO, Maria Teresa da Silveira. Algumas considerações sobre o narcisismo, as instâncias ideais e a melancolia. *Cadernos de Psicanálise*, v. 12, n. 15, p. 20-28, 1995a.
- PINHEIRO, Maria Teresa da Silveira. Trauma e melancolia. *Revista Percurso*, n.10, p.50-55, 1/1993.
- PINHEIRO, Maria Teresa da Silveira. O estatuto do objeto na melancolia. In: *Cultura da ilusão*. Rio de Janeiro: Contra-Capa Livraria e Editora, 1998. p. 119-129.
- PINHEIRO, Maria Teresa da Silveira. *Ferenczi - Do grito à palavra*. Rio de Janeiro: Zahar/UFRJ, 1995b.

PINHEIRO, T. da S.; JORDÃO, A.; MARTINS, K. P. H. A certeza de si e o ato de perdoar. *Cadernos de Psicanálise*. SPCRJ, 1998.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas*. Rio de Janeiro: Record, 1980a.

RAMOS, Graciliano. *Vivente das Alagoas*. Rio de Janeiro: Record, 1980b.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Regimes representativos da modernidade. In: ALCEU: Revista de Comunicação, Cultura e Política. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, Departamento de Comunicação Social, v. 1, n.2, p. 28-41, jan./jun., 2001.

SOUZA, Octavio. *Fantasia de Brasil: As identificações na busca da identidade nacional*. São Paulo: Escuta, 1994.